

AS SEMELHANÇAS E CONTRADIÇÕES NO PENSAMENTO MALTHUSIANO E RICARDIANO

Alan César Busnello ¹
Emerson Lucas Santos Mendonça ²
Gustavo Rodrigo Lima Eguchi ³
Priscila Viégas Silva ⁴

Área de conhecimento: Ciências Econômicas
Eixo Temático: História Política e Econômica

RESUMO

Este trabalho versa sobre as semelhanças e diferenças do pensamento Malthusiano e Ricardiano. Para tal fim, utilizou-se de pesquisas bibliográficas por meio da qual se verificou que apesar de compartilharem de um pensamento na história chamado de Clássico, existem semelhanças e diferenças de opiniões e teorias criadas por esses pensadores, principalmente na defesa das classes que defendiam.

Palavras-chave: Contradições. Malthus. Ricardo. Semelhanças.

INTRODUÇÃO

Grandes amigos, porém, considerados inimigos intelectuais, Thomas Malthus e David Ricardo discutiam assuntos que compreendiam principalmente questões de conflito entre os capitalistas e proprietários de terras, englobando questões teóricas que abarcava a teoria do valor e a teoria da superprodução de Malthus. Viveram em um período de intensas transformações sociais, políticas e econômicas que a humanidade já experimentou - Revolução Francesa, Revolução Industrial e agitação da classe operária bem como a luta entre ingleses proprietários de terras e capitalistas. Abordaremos o pensamento de ambos sob o ângulo das semelhanças e diferenças de pensamento.

REVISÃO DE LITERATURA

¹ Graduando de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Oeste do Pará.
alan_huck@hotmail.com

² Graduando de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Oeste do Pará
lucassantos9206@gmail.com

³ Graduando de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Oeste do Pará.
eguchigustavo@hotmail.com

⁴ Graduanda de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Oeste do Pará.
pry_stm@hotmail.com



Em sua “Teoria da População” Malthus retrata a preocupação com o crescimento crescente da população. Para ele, a população crescia em progressão geométrica, enquanto que os meios de subsistência cresciam em progressão aritmética, o que geraria fome e miséria. Malthus ressaltava que era necessário controlar o crescimento populacional para se restaurar o equilíbrio. Ele classificava esse controle em duas categorias: a primeira tratava de políticas como a redução da taxa de natalidade, por meio da abstinência sexual e do controle de nascimentos. Já a segunda tratava do aumento da taxa de mortalidade, retratando fatores como as guerras, miséria e a fome.

Malthus possuía um segundo esquema de classificação que nos aproxima da tentativa de entender o lado normativo de sua teoria. (HUNT,2005,p.71). Nesse caso, Malthus retratava o indivíduo que aumentasse sua renda, acabaria de alguma forma voltando ao nível de subsistência, pois seu desejo insaciável de prazer sexual faria com tivesse muitos filhos. Só estaria “livre” desse destino o homem moralmente virtuoso.

Malthus investigou a teoria dos preços sob o ponto de vista da troca. Observou que os preços de mercado não seriam os mesmos preços "naturais" dos produtos, somente pelas "forças" da oferta e da procura. Havia relações extraordinárias ou acidentais da oferta e da procura, que determinavam os preços de mercado. Assim, observou que o valor de uma mercadoria no lugar em que é estimado é o preço natural e não o preço de mercado.

Outro ponto destacado é a questão da superprodução. Para Malthus a causa de uma superprodução geral de mercadorias era a insuficiência de procura efetiva. Assim, procurou entender qual era a causa e a solução para essa ausência de procura de acordo com os gastos de cada uma das classes sociais existentes: os trabalhadores, os quais consumiam apenas para a subsistência; os capitalistas, acumulavam o capital, mas não possuíam tempo para gastá-lo em consumo; e os proprietários de terras, que possuíam uma renda contínua e procuravam gastá-la com mais conforto. Dessa forma, todas as classes acabavam por gastar toda a sua renda, porém, os capitalistas buscavam gastar seus lucros na compra de novo capital e isso geraria mais renda para os mesmo. Para Malthus isto era um problema, já que este aumento de renda não resultaria em crescimento na oferta de



empregos, pois se investia em máquinas, que aumentavam exclusivamente a produtividade, ou apenas no aumento do próprio capital com a mesma tecnologia, que por sua vez não encontraria mão-de-obra disponível, tornando-se ocioso.

Nos dois casos a causa da superprodução devia-se aos lucros excessivos, dos capitalistas devido a uma alta taxa de acumulação de capital. Dessa forma, a única solução era redistribuir a renda: deixar os capitalistas com lucros menores e oferecer renda a outra classe, ou seja, aos proprietários de terra, pois os mesmo possuíam muitos trabalhadores que utilizariam suas rendas para o consumo de bens, criando assim a demanda necessária. Segundo Hunt (2005), dessa forma, bem-estar econômico de toda a sociedade dependia da promoção dos interesses dos proprietários de terra.

A preocupação central de David Ricardo em sua Teoria da Renda e do Lucro estava em determinar os fatores que definiam a distribuição do produto da terra – divida entre proprietário de terra, dono do capital e os trabalhadores -. Ele propunha que a taxa geral de lucro, identificada como a variável que governava o processo de acumulação de capital, está diretamente ligada à renda da terra. Este acúmulo de capital é identificado como provedor da prosperidade econômica e bem estar social.

Ricardo baseava sua teoria em duas premissas: a primeira se referia a fertilidade da terra, em que a produção estabelecia a lógica de organização das terras mais férteis para as menos; a segunda descreve que em um determinado estágio a concorrência igualaria a taxa de lucro do arrendatário de terras. Segundo Ricardo:

[...] porque a terra não é ilimitada em sua quantidade nem uniforme em sua qualidade e porque, com o aumento da população, é preciso usar terra de qualidade inferior, que se paga renda pelo seu uso. Quando, com o progresso da sociedade, se cultivam terras do segundo grau de fertilidade, a terra de primeira qualidade começa imediatamente a dar renda, e o volume desta renda dependerá da diferença de qualidade das duas terras[...] (RICARDO, 1817,p.33)

Ricardo defendia a idéia de que a diminuição da produtividade agrícola, diminuiria os lucros que são gradativamente comprimidos pela renda da terra, cada vez mais alta. Tendo em vista esta premissa, David se opunha as leis que proibiam a importação de cereais, pois tais medidas significaria o aumento da utilização de terras menos férteis. Diminuindo desta forma o lucro e por consequencia a prosperidade econômica e o bem estar social.



Na sua teoria da Renda e do Lucro o valor econômico de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho que é necessário para produzi-la, incluindo todo o trabalhador anterior à produção - maquinário e matéria prima -. Portanto se compreende que o preço de uma mercadoria reproduz a quantidade de tempo de trabalho nela investida, sendo o trabalho o único elemento que gera valor. Mercadorias não reproduzíveis – como obras de arte, moedas raras e vinhos de qualidade – tinham seu valor completamente diferente da quantidade de trabalho necessária para sua produção. Para Ricardo estas mercadorias não tinham qualquer importância.

Demonstrou por meio da teoria das vantagens comparativas e comércio internacional que duas nações, mesmo que uma seja menos eficiente na produção, juntas podem se beneficiar com o comércio. A partir do princípio de que cada país obtivesse uma vantagem relativa – maior eficiência de produção ou menos trabalho na produção-. O livre comércio induziria os parceiros comerciais a se especializarem naqueles produtos que são comparativamente mais eficientes. Tendo em vista este argumento ele conclui que o comércio moldado neste sistema é benéfico para ambos na produção de todos os bens e serviços.

Observam-se pontos em comuns e divergências nas teorias de Malthus e Ricardo. Uma visão comum entre eles é a política econômica, onde eles consideram a economia uma ciência neutra, alheia aos valores, interesses e políticas das classes sociais. Podemos notar isso na teoria das populações de Malthus, também adotada por Ricardo, de que a disparidade entre população e alimentos faria com que parte da humanidade ficasse condenada para sempre à miséria. A questão população e alimento receberam maior destaque na obra de Malthus, a terra podia ser trabalhada, mas seu processo era limitado e lento, diferente da população, que crescia em escala geométrica. O resultado lógico e até então inevitável era de que a população iria ultrapassar, cedo ou tarde, a quantidade de alimentos ofertados, entretanto esse “superávit populacional” seria, em parte, contido, entre outros fatores, pela escassez de alimento, guerras, doenças e a própria existência da pobreza. Com base nisso qualquer assistência à população mais carente devia ser cortada segundo esses pensadores.

A renda para ambos era o preço pago pelo uso das terras férteis, assim como os juros são para o capital e o salário para os trabalhadores. Para eles poupar com



fins industriais, significaria gastar, todavia somente quando este gasto fosse investido em equipamentos e mais trabalho com o fim de obter lucros maiores.

Malthus e Ricardo tinham também divergências. Pode-se dizer que decorriam, principalmente, do fato de pertencerem a classes sociais diferentes e as tentativas de protegê-las. Ricardo discorda de forma profunda com a teoria da superprodução de Malthus. O Pressuposto Clássico supõe o equilíbrio entre oferta e demanda. Apesar de fazer parte do movimento clássico, a teoria da superprodução de Malthus contrapõe este pressuposto o que gera contradições entre o pensamento de Ricardo, adepto da Lei de Say, e Malthus. Para Malthus além do princípio limitador, existia um segundo princípio, o regulador. Segundo o qual o preço estaria ligado à demanda e à oferta do produto. Ricardo criticava Malthus neste sentido, pois dizia que estas pequenas variações no preço eram passageiras e faziam parte da variação de equilíbrio, ou seja, por mais que a oferta ou a demanda variassem tenderiam sempre para o equilíbrio, descartando assim o princípio regulador de Malthus. Em outras palavras para Ricardo “... o preço de mercado de uma mercadoria pode ultrapassar seu preço natural ou necessário, se a produção for inferior ao exigido por uma demanda adicional. Porém, isso não passa de um efeito temporário.” (RICARDO, cap. VI, p. 96.)

Outro ponto divergente é o da fonte da taxa de lucro. Para Malthus a taxa de lucro depende da diferença entre o valor de venda do produto (condicionado às condições de oferta e demanda) e o dos custos de produção (que Malthus os toma como fixos). Ricardo, ao contrário, toma o preço dos produtos como fixo e o dos custos como variável. Ou seja, os únicos fatores que poderiam afetar a taxa de lucro para Ricardo seriam salários ou o aluguel da terra. Enquanto que para Malthus “... não conheço outra causa para a queda nos lucros que [...] geralmente ocorre a partir da acumulação senão a de que o preço do produto cai, comparado com as despesas de produção, ou, em outras palavras, que a demanda *efetiva* diminui.” (KEYNES, p. 23-4)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito geral, Ricardo venceu o duelo das ideias contra Malthus devido principalmente aos argumentos, muitas vezes, confusos deste último, e o cunho



lógico das explicações ricardianas. No entanto, isso nunca chegou a afetar a amizade entre os dois. Malthus mais facilmente identificava problemas e suas possíveis fontes, mas não propunha boas soluções para eles. Já Ricardo aproveitava-se de sua capacidade de propor soluções “lógicas” à luz daquela época.

REFERÊNCIAS

HUNT, E.K. **História do Pensamento Econômico, uma perspectiva crítica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2ªEd,2005.

HUNT, E.K. **História do Pensamento Econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 7ªEd,1989.

KEYNES, John Maynard. "**Robert Malthus**: the First of the Cambridge Economists". *In: Essays and sketches in biography*. New York: Meridian Books, 1956.

RICARDO, David. **Princípios da Economia Política e Tributação**. São Paulo: Nova Cultura, 2ª Ed., 1985

